



UMA INTRODUÇÃO À NOÇÃO DE SEGREGAÇÃO EM PSICANÁLISE

INTRODUCCIÓN AL NOCIÓN DE SEGREGACIÓN EN PSICOANÁLISIS

AN INTRODUCTION TO THE NOTION OF SEGREGATION IN
PSYCHOANALYSIS

Gabrielle Braga Lemos¹
Daniela Paula do Couto²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo fazer uma breve exposição do que a teoria psicanalítica tem a dizer sobre a noção de segregação, utilizando-se da metodologia de pesquisa teórica. Constatou-se que, para a psicanálise, o termo não carrega consigo apenas uma significação negativa, como apresentada pelo senso comum. Verificou-se, nesta pesquisa, que existem dois aspectos referentes à segregação: uma segregação estrutural e os efeitos de segregação. A segregação estrutural refere-se a uma condição constitutiva de todo sujeito e de todo discurso, posto que se organizam a partir do significante-mestre (S_1) e dos modos de gozo. No que tange aos efeitos de segregação foi possível observar que há uma diferença crucial do que expõem a teoria freudiana e a teoria lacaniana. Freud apresenta, a partir da análise de sua época, que as massas se alicerçavam sobre um processo de identificação comum a um determinado ideal. O que Lacan observa, entretanto, e que serve para um estudo da contemporaneidade, é um declínio desses ideais e o crescimento do gozo como ordenação social. Tal fenômeno ocorre por intermédio de um tipo de relação específica entre o discurso da ciência, que forjou a constituição de um sujeito universal e o discurso do capitalismo, que tem como consequência a globalização de um Mercado Comum. Essa combinação tem como resíduo a dessubjetivação dos sujeitos, que passam a se organizar por meio de campos de concentração de gozo, onde todos visam gozar de forma semelhante e ilimitada. Organiza-se, dessa forma, toda uma sociedade a caminho da segregação, onde quem goza diferente é segregado. Por fim, argumenta-se que o discurso do analista oferece uma saída diferente ao impasse da segregação, uma vez que se interessa pelas soluções singulares que cada sujeito constrói para dar conta daquilo que é insuportável.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Segregação; Discursos; Gozo; Sujeito.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo hacer una breve exposición de lo que la teoría psicoanalítica tiene que decir sobre la noción de segregación, utilizando una metodología de investigación teórica. Se encontró que, para el psicoanálisis, el término no solo tiene un significado negativo, tal como lo presenta el sentido común. En esta investigación se verificó que existen dos aspectos relacionados con la segregación: una segregación estructural y los efectos de la segregación. La segregación estructural se refiere a una condición constitutiva de todo sujeto y de todo discurso, ya que se organizan a partir del amo-significante (S_1) y los modos de goce. En cuanto a los efectos de la segregación, se pudo observar que existe una diferencia crucial entre lo que exponen la teoría freudiana y la teoría lacaniana. Basado en el análisis de su tiempo, Freud presenta que las masas se basaron en un proceso de identificación común a un ideal particular. Lo que observa Lacan, sin embargo, y que sirve para un estudio de la contemporaneidad, es un declive de estos ideales y el crecimiento del goce como orden social. Este fenómeno ocurre a través de un tipo específico de relación entre el discurso de la ciencia, que forjó la constitución de un sujeto universal, y el discurso del capitalismo, que resulta en la globalización de un Mercado Común. Esta combinación tiene como residuo la desubjetivación de los sujetos, que comienzan a organizarse a través de campos de concentración de goce, donde todos aspiran a disfrutar de forma similar e ilimitada. De esta forma, se organiza toda una sociedad en camino de la segregación, donde se segrega a quienes disfrutan de lo diferente. Finalmente, se argumenta que el discurso del analista ofrece una salida diferente al impasse de la segregación, ya que está interesado en las soluciones únicas que cada sujeto construye para enfrentar lo insoportable.

PALABRAS CLAVE: Psicoanálisis; Segregación; Discursos; Goce; Sujeto.

¹ Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pós-graduanda em “Clínica Psicanalítica na Atualidade: contribuições de Freud e Lacan” pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. psi.gabriellebraga@hotmail.com

² Professora no Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutoranda em Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais. dp.couto@yahoo.com.br

ABSTRACT: This article aims to make a brief exposition of what psychoanalytic theory has to say about the notion of segregation, using theoretical research methodology. It was found that, for psychoanalysis, the term does not only carry a negative meaning, as presented by common sense. It was verified, in this research, that there are two aspects related to segregation: a structural segregation and the segregation effects. Structural segregation refers to a constitutive condition of every subject and every discourse, since they are organized based on the master-signifier (S_1) and the modes of *jouissance*. With regard to the effects of segregation, it was possible to observe that there is a crucial difference between what the Freudian theory and the Lacanian theory expose. Based on the analysis of his time, Freud presents that the masses were based on a process of identification common to a particular ideal. What Lacan observes, however, and which serves for a study of contemporaneity, is a decline in these ideals and the growth of *jouissance* as a social order. This phenomenon occurs through a specific type of relationship between the discourse of science, which forged the constitution of a universal subject, and the discourse of capitalism, which results in the globalization of a Common Market. This combination has as a residue the desubjectivation of the subjects, who start to organize themselves through concentration camps of *jouissance*, where everyone aims to enjoy in a similar and unlimited way. In this way, an entire society on the way to segregation is organized, where those who enjoy different are segregated. Finally, it is argued that the analyst's discourse offers a different way out of the impasse of segregation, since it is interested in the unique solutions that each subject builds to deal with what is unbearable.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Segregation; Speeches; *Jouissance*; Subject.

1 INTRODUÇÃO

A importância da escolha do tema deste artigo se detém no fato de que a segregação vem se tornando uma questão cada vez mais intensa e recorrente na sociedade contemporânea. Compreende-se que este é um tema relativamente novo, que desperta inúmeras questões e exige contínuos estudos que possam dar conta de toda sua abrangência e especificidade atual. Pesquisar sobre a noção de segregação em psicanálise constitui-se como uma tarefa complexa, uma vez que a segregação não se constitui como um conceito psicanalítico e sim uma noção. Dessa forma, um dos principais desafios deste artigo sustenta-se no esforço de construir uma teorização mais clara e acessível sobre o tema.

O presente artigo refere-se a uma pesquisa teórica em psicanálise sobre a noção de segregação a partir da análise de alguns trabalhos desenvolvidos por Sigmund Freud (1856-1939), Jacques Lacan (1901-1981) e por outros autores. É importante explicitar que Freud não utiliza em sua obra o termo “segregação”, posto isso, foi realizado para este trabalho uma pesquisa de tal termo em todas as obras freudianas utilizando-se da ferramenta digital (Control L) de busca e pesquisa de palavras em todos os livros do autor. Constatou-se que o autor usa o termo apenas como sinônimo de separação, mas não como conceito relativo a “intolerância”. Inicialmente, este artigo propõe um retorno às obras freudianas sobre o tema, com o intuito de a partir de suas elaborações, ser possível avançar para uma compreensão contemporânea do tema.

Foram escolhidos, para o estudo das obras freudianas, dois dos principais textos relativos à cultura e à civilização, em que foi possível encontrar proposições diretamente relacionadas ao tema desta pesquisa. Nesses textos, o autor constrói uma teoria que procura elucidar

os fenômenos sociais de sua época. As produções definidas para este estudo foram: “Psicologia das massas e análise do Eu” (FREUD, [1921]/2011, v. 15) e “O mal-estar na cultura” (FREUD, [1930]/2020).

Seguindo o mesmo método de busca realizado nas obras de Freud, houve uma pesquisa nas obras de Lacan, nas quais foram encontradas diversas citações do autor sobre o tema. Foi possível analisar que Lacan utiliza das formulações e conceitos construídos por Freud na compreensão do mal-estar de sua época e, desse modo, atualiza a obra freudiana para a contemporaneidade, incluindo novos elementos que consolidam sua obra como uma importante ferramenta de análise da atualidade.

Foi possível observar, a partir da pesquisa realizada, uma forte incidência do termo “segregação” nas obras lacanianas entre os anos de 1967 e 1970, principalmente nos textos: “Proposição de 09 de outubro sobre o psicanalista da Escola” (LACAN, [1967]/2003a), “Alocação sobre as psicoses da criança” (LACAN, [1967]/2003b), “Pequeno discurso aos psiquiatras” (LACAN, [1967]/inédito), “Édipo e Moisés e o pai da horda” (LACAN, [1969-1970]/1992), “Prefácio a uma tese” (LACAN, [1970]/2003), entre outros. Por consagrarem-se como textos com a maior quantidade de trechos relacionados ao tema da pesquisa, essas produções foram escolhidas para orientar este trabalho.

Posto isso, para corroborar e oferecer avanços na estruturação de uma noção de segregação cada vez mais sólida, foram utilizados diversos outros autores que se dispuseram a tratar sobre o tema. Entre as principais obras de orientação freudolacaniana que fundamentaram este trabalho estão o livro “O brilho da infelicidade”, do qual se utilizou o capítulo “Sobre a segregação” de Colette Soler (1998); o livro fruto do seminário internacional “O inconsciente é a política” da autora Marrie-Hélène Brousse (2002), capítulo “A psicanálise no tempo dos mercados comuns e dos processos de segregação”; e também o artigo do professor da Université de Toulouse, Sidi Askofaré (2009), nomeado de “Aspectos da segregação”, entre outros autores.

É importante ressaltar, no que se refere à pesquisa em psicanálise, que: “O verdadeiro laboratório de pesquisa é a prática clínica fundada na transferência, e esta se passa no consultório e não nos campi universitários.” (GARCIA-ROZA, 1994, p. 12). É possível argumentar que produções teóricas levam a assinatura de seus autores, ou seja, quando se toma um texto para análise há certa “[...] correspondência com a prática clínica [...]” (GARCIA-ROZA, 1994, p. 18) no que tange à escuta do que os autores têm a dizer em seus textos, relativos às questões e problemas que se pretende responder. A pesquisa teórica em psicanálise, dito isso, se insere em um discurso psicanalítico com o objetivo de submeter a teoria a uma análise, a

fim de verificar a sua evolução histórica, coesão, lógica e as possibilidades de articulação dos conceitos. Assimila-se, também, que “[...] o pesquisador se pretende criador. Ele deve se permitir uma certa irreverência que possibilite o surgimento do novo.” (GARCIA-ROZA, 1994, p. 14).

Posto isso, a partir da pesquisa teórica feita é possível introduzir que para a teoria psicanalítica o termo segregação não carrega consigo apenas um significado negativo, como é postulado no senso comum. A noção de segregação se constitui por intermédio de dois aspectos: uma segregação estrutural e os efeitos de segregação. A tese da segregação estrutural se fundamenta na argumentação de que os sujeitos e os discursos se constituem por intermédio do significante-mestre (S_1) e dos singulares modos de gozo, como aponta Askofaré (2009), o que justifica uma profunda particularidade de cada sujeito.

Já os efeitos de segregação perpassam pela relação de um sujeito universal constituído pelo discurso da ciência e o imperativo de mais-de-gozar. Tal imperativo tem como resultado a constituição de um sujeito que percebe o gozo do outro, que é intrinsecamente diferente, como um gozo a menos para si e, por isso, segrega o diferente. Há, portanto, na atualidade, campos de concentração de gozo que visam produzir sujeitos iguais, sujeitos que recusam a segregação estrutural e aquilo que é singular. Dessa forma, é possível observar na sociedade as chamadas figuras de segregação, compreendidas como aquelas que apresentam alguma diferença de gozo resistente à universalização.

2 A SEGREGAÇÃO EM FREUD: O IDEAL E A AGRESSIVIDADE

Freud viveu do ano de 1856 ao ano de 1939 e sua existência foi marcada por duas grandes guerras que despertaram no autor, como relatado em suas obras, inúmeras inquietações, próprias de um homem que se preocupava em compreender o mal-estar de seu tempo. É importante salientar que Freud é de família judia e nos últimos anos de sua vida viveu na pele o horror da perseguição e da ascensão do nazismo na Segunda Guerra Mundial, que durou do ano de 1939 ao ano de 1945. A noção de segregação nas obras de Freud, entretanto, não aparece por meio da palavra “segregação”, contudo, partindo do pressuposto de que a segregação é um fenômeno amplo e que teve diferentes aspectos, nomes e interpretações durante a história, compreende-se que inúmeras obras freudianas relatam diretamente o tema em questão.

Freud ([1921]/2011, v. 15), em “Psicologia de massas e análise do Eu”, argumenta que a partir da teoria da libido pode-se compreender que apenas ligações afetivas são capazes de transpor o narcisismo individual e a agressividade que distancia os indivíduos. Essa ligação

libidinal, quando intensa em sua força é responsável pela união de massas e revela uma forma primitiva de amor, relacionada à identificação afetiva do indivíduo com o objeto. O objeto, sendo assim, pode aparecer como líder ou grupo de pessoas que produz uma coesão identificatória de massa, pois o indivíduo ao investir sua libido no líder ou no grupo, os objetifica, ou seja, os toma como objetos externos ao Eu para os quais sua libido é endereçada. Por isso Freud aponta, no referido texto, que as relações do indivíduo com seu objeto de amor são fenômenos sociais e não narcísicos, pois neste último, a satisfação pulsional não passa pela relação com outra pessoa, mas pelo próprio corpo.

Destaca-se o uso da palavra “massa”, posto que ela denota não uma consciência coletiva e sim um efeito de massa. Pode-se compreender com isso que a possível perda dessa unidade, a massa, significa também uma dissolução do indivíduo identificado a ela. O efeito da ligação afetiva mencionada por Freud está em que o ideal do Eu dos integrantes da massa passa a ser representado pela figura do líder, que assume o próprio lugar de Eu do indivíduo.

Freud ([1921]/2011, v. 15) dedica parte de seus estudos à tentativa de compreender as massas religiosas, e constata que, apesar da tentativa de repressão dos impulsos hostis, presentes na Igreja, pode-se observar a ambivalência de sentimentos, uma vez que é manifestada uma forte intolerância para com o outro. “No fundo, toda religião é uma religião de amor para aqueles que a abraçam, e tende à crueldade e à intolerância para com os não seguidores”. (FREUD, [1921]/2011, v. 15, p. 41). A presença de sentimentos de hostilidade para com o próprio grupo, sendo assim, são dissipados por meio da exteriorização dessa agressividade para fora do grupo.

Em “O mal-estar na cultura”, Freud ([1930]/2020) explicita que a sociedade humana provém da impossibilidade de total satisfação das exigências da pulsão. Nesse mesmo texto, o autor compreende que há no ser humano uma tendência pulsional à agressividade e que é esperado da cultura dar conta de reprimi-la. “A cultura precisa tudo mobilizar para colocar barreiras às pulsões de agressão dos seres humanos [...]” (FREUD, [1930]/2020, p. 364). Sendo assim, pensar em saídas para a realidade interdita da civilização pode dar origem ao que Freud ([1930]/2020) nomeia de “narcisismo das pequenas diferenças”. Por meio dessa elaboração, pode-se compreender que grupos com base em pequenas diferenças para com o outro destinam sua agressividade para fora de sua comunidade, de maneira que seja facilitada a coesão interna do grupo e construído um caminho para a pulsão agressiva, pela hostilização de quem se encontra fora de sua comunidade. É por isso que o pai da psicanálise pontua: “Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade.” (FREUD, [1930]/2020, p. 366).

Esse retorno às obras de Freud possibilita estabelecer um paralelo entre suas formulações sobre o tema e os avanços lacanianos que visam oferecer uma teoria que corresponda às mudanças vivenciadas na contemporaneidade. Se com Freud pôde-se compreender que a formação das massas ocorria por um processo identificatório a um ideal, com Lacan é possível entender que há na sociedade atual uma nova constituição orientada pelo gozo, que tem como consequência um crescimento dos efeitos de segregação.

3 DA SEGREGAÇÃO ESTRUTURAL AO SUJEITO UNIVERSAL

A tese psicanalítica sobre a segregação toma força a partir do momento em que Lacan faz o uso do termo, seguindo certa construção lógica em suas ponderações durante os anos de seu ensino. Suas pontuações aparecem como uma espécie de rastro a ser seguido em sua obra, que tem como consequência a construção de uma noção psicanalítica potente sobre o tema. Como já sinalizado, a noção de segregação, para a psicanálise, possui dois aspectos principais: uma segregação estrutural e os efeitos de segregação.

A segregação estrutural é o princípio de todo discurso, como explica Soler (1998) quando argumenta que cada discurso apreende os indivíduos em seu funcionamento, ou seja, em uma determinada ordem que produz uma diferença fundamental e uma segregação estrutural entre os discursos. Torna-se possível uma melhor compreensão desse ponto quando se assimila que todo discurso se articula, de modo singular, às referências de um significante-mestre (S_1) e constitui diferentes modos de gozo. Como afirma Askofaré (2009, p. 348): “[...] essa segregação fundamental, estrutural, [...] se instaura a partir de uma dupla referência ao significante-mestre, S_1 , e ao gozo, [...] não são senão tipos de arranjos em torno de um S_1 ou de modos rígidos de tratamento do gozo que não se põe senão se opondo [...]”.

É importante elucidar que tal compreensão sobre a segregação tem como base um dos mitos freudianos mais importantes para o entendimento da constituição da civilização. Em “Totem e Tabu”, Freud ([1912-1913]/2012, v. 11) estabelece um mito que se inicia na concepção de um pai da horda primitiva que possuía todas as mulheres e caracterizaria um Outro sem barra. Frente a um forte sentimento ambivalente sobre esse pai, os filhos tê-lo-iam assassinado em um banquete totêmico que resultou em um forte sentimento de culpa e temor da punição. Para mitigar a culpa e reconciliar-se com o pai, os filhos estabeleceram então, uma admiração a um representante totêmico desse pai, que carrega consigo dois tabus fundamentais, a proibição de matar o pai e a proibição do incesto.

Esse mito se torna fundamental na compreensão da segregação, como explica Lacan ([1969-1970]/1992), em “Édipo e Moisés e o pai da horda”, ao revisitar as ideias postas por Freud ([1912-1913]/2012, v. 11), revelando o caráter segregador de tal mito, como fundador da civilização e princípio de todo discurso. O assassinato do pai da horda tem como consequência a criação de uma ideia de fraternidade, em outras palavras, é a segregação do pai da horda que possibilita que os homens se compreendam como irmãos, constituindo uma fraternidade, uma civilização. Como observa Lacan ([1969-1970]/1992, p. 120): “Só conheço uma única origem da fraternidade – falo da humana, sempre o húmus –, é a segregação. [Trata-se, enfim, de] estarmos isolados juntos, isolados do resto.”

As teorias lacanianas referentes à função paterna, entretanto, trazem algumas críticas a esse mito e acrescentam as dimensões dos registros do real, simbólico e imaginário a essa função. A noção de pai na psicanálise passa a se constituir como um operador simbólico, o Nome-do-Pai, ou seja, que não necessita da existência de um pai encarnado. O pai seria, portanto, “uma entidade essencialmente simbólica que ordena uma função” (DOR, 1991, p. 14), uma intervenção estruturante na economia do desejo da mãe e da criança. A criança precisa, dessa forma, se colocar no projeto de decifração do enigma do desejo materno.

Designando o pai como causa das ausências da mãe, a criança o nomeia como o que significa a idéia (*sic*) que ela tem daquilo que mobiliza o desejo da mãe. Assim, ela associa um significante novo, o Nome-do-Pai (S_2), ao significado falo (s_1). A introdução deste novo significante S_2 que substitui S_1 faz então com que este último passe ao inconsciente. Ao final da substituição metafórica, o pai é doravante referido ao falo pela criança, enquanto objeto do desejo da mãe. (DOR, 1991, p. 53).

Pode-se compreender que o campo do simbólico está correlacionado a um objetivo fundamental de tentar perpetuar o objeto originário do desejo que foi recalcado, a partir de seu substituto, o Nome-do-Pai. O pai carrega consigo, posto isso, o estatuto simbólico de um significante-mestre (S_1), que constrói a organização da cadeia significante, viável pela alienação do sujeito ao Outro da linguagem. Com relação a essa ordenação significante, Lacan ([1960]/1998, p. 833) fornece a seguinte definição: “[...] um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada.”

O significante Nome-do-Pai vem instaurar-se como ponto de referência aos outros significantes, uma suplência ao significante recalcado e, por isso, atesta a divisão do sujeito, um sujeito do inconsciente e do desejo. Aqui há um ponto fundamental da argumentação da segregação estrutural, visto que há um significante que se diferencia de todos os outros e que

sem ele não haveria cadeia significativa. Dessa forma, todo discurso, posto que se orienta a partir do significante-metre (S_1), é segregador de outros significantes que se organizam a partir dessa diferenciação.

O sujeito, que acredita poder ser representado pelo significante-mestre (S_1) em sua totalidade, encontraria na cadeia significativa uma perda própria da linguagem que evoca uma falta, uma não-sentido, uma queda do objeto a e, dessa forma, produz meios de gozo. O gozo se prestaria a tentativa de dar conta dessa insuficiência, diferentemente da castração que implicaria necessariamente em uma renúncia de gozo. Aqui se encontra outro ponto importante para se pensar a chamada segregação estrutural. A partir de uma necessária renúncia de gozo, imposta pela castração, o sujeito encontrará formas de gozo que serão sempre parciais em sua satisfação. Essas formas de gozo específicas de cada sujeito são, também, o que proporcionam uma segregação estrutural, uma vez que os modos de gozo são intrinsecamente singulares, sempre diferentes da forma de gozo do outro.

Esses modos de gozo dizem respeito ao que para cada sujeito é tomado como excesso, o que diferencia o gozo do prazer, pois este último segue o princípio da homeostase. Além disso, o gozo é o que insiste em se repetir na relação com os outros, conforme Lacan ([1969-1970]/1992, p. 44) define: “Basta partir do princípio do prazer, que nada mais é do que o princípio da menor tensão, da tensão mínima a manter para que subsista a vida. Isto demonstra que, em si mesmo, o gozo o transborda, e o que o princípio do prazer mantém é o limite em relação ao gozo.” Enquanto o prazer é delimitado pela evitação do desprazer, no gozo, o desprazer gera uma satisfação às avessas, justamente por contrariar o princípio freudiano.

Por fim, pensar a função paterna e o Nome-do-Pai na contemporaneidade é um grande desafio, uma vez que muitas mudanças estão acontecendo no tecido social. É importante salientar que a psicanálise não percebe essas mudanças de forma negativa, mas sim procura analisar de forma complexa o mal-estar da cultura.

Pode-se constatar que as especificidades do momento histórico atual criaram uma parceria entre os avanços da ciência e do capitalismo. A combinação desses dois fatores é crucial para se entender o declínio da função paterna, que perde o espaço de agente da castração e representante da lei, para uma cultura do gozo. Essas mudanças fizeram prevalecer o gozo em detrimento do desejo e da função do Nome-do-Pai, ou seja, não é mais o interdito imposto pela metáfora paterna que opera na sociedade contemporânea, e sim o objeto a , como mais-de-gozar.

Dessa forma, não há mais uma ordenação dos modos de gozo que passe por um S_1 que se acredita único, o que justifica uma relação caótica do sujeito com as leis, regras e limites ao gozo.

Bem, não é de hoje que podemos afirmar que a civilização manda no gozo; desde sempre. Mas é verdade que existiram civilizações nas quais o arranjo dos modos de gozo passava por outras vias. Podemos dizer que passava pelas vias do que Lacan chamou de *significante mestre*. A civilização científica inaugurou a crise do *significante mestre*, a crise deste *significante único e unificador*, em proveito da fragmentação, poderia quase dizer, de uma esquizofrenização do *significante mestre*, e isto muda muitas coisas. (SOLER, 1998, p. 44).

O Nome-do-Pai como *significante* passa a ser concebido como aquele *significante* que faz uma amarração entre real, simbólico e imaginário, contudo, compreende-se que não existe apenas um *significante ordenador* e sim vários, denomina-se de *sinthoma* essas múltiplas amarrações. Consta-se tal avanço como revolucionário: uma clínica além do pai.

3.1 O discurso da ciência como marco da noção de segregação em Lacan

As teorias lacanianas tomam os discursos como caminho fundamental para o entendimento da segregação. Como escreve Askofaré (2009):

Na perspectiva desempenhada por Lacan, o crescimento dos fenômenos de segregação aparece ligado não a um só discurso que responderia a tudo, mas à existência de discursos como tais, englobando a analítica, desde que eles se estruturam em torno de um Pai ideal ou de um *significante ideal*. (ASKOFARÉ, 2009, p. 349).

Para que se possa compreender a abrangência da noção de segregação é necessário que se tenha clareza sobre o funcionamento dos discursos. Lacan ([1969-1970]/1992), em “O Seminário 17: o avesso da psicanálise”, propõe que os discursos são uma forma de entender a formação do laço social, associando o campo da linguagem com o campo do gozo. É a articulação da cadeia *significante* quem produz a existência dos discursos, definidos assim por Lacan ([1969-1970]/1992, p. 158): “Os discursos nada mais são do que a articulação *significante*, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem palavras, que vêm em seguida alojar-se nele”.

São postulados, então, quatro diferentes discursos: do mestre, universitário, da histórica e do analista, acrescidos posteriormente do chamado discurso do capitalista. Todos os discursos, assim sendo, se diferenciam e se especificam pelas heterogêneas configurações refe-

rentes à distribuição espacial que ocorre no nível dos termos referentes a uma posição que é fixa.

As posições são distribuídas em quatro lugares, sendo à esquerda acima, “o agente”, que organiza o discurso. À direita acima, “o outro”, a quem o discurso se dirige, posto que o outro precisa do agente para se constituir. À direita abaixo, “a produção”, é o efeito do discurso, aquilo que resta da produção discursiva. À esquerda abaixo, por fim, “a verdade”, que sustenta o discurso, dado que não pode ser toda dita, por isso, a existência de uma interdição (/) entre a produção e a verdade, uma vez que é impossível produzir a verdade. “A verdade – digo – só poderia ser enunciada por um semi-dizer, e seu modelo, mostrei-o a vocês no enigma.” (LACAN, [1969-1970]/1992, p. 108).

É a partir do discurso universitário que Lacan oferece um caminho argumentativo para a compreensão da noção de segregação, posto que observa-se um crescimento acelerado desse discurso na sociedade globalizada. Torna-se importante frisar que é nesse discurso “[...] onde o discurso da ciência se alicerça” (LACAN, [1969-1970]/1992, p. 109), representado pelo seguinte matema:

Figura 1 – Discurso Universitário

$$\frac{S_2}{S_1} \longrightarrow \frac{a}{\$}$$

Fonte: (LACAN, [1969-1970]/1992, p. 109)

Nesse discurso, o S_2 ocupa a posição de agente, que supostamente detém o saber, ou seja, o S_2 representa a cadeia significante, que faz brotar o saber. O professor, por exemplo, seria o agente para o ensino ao estudante, representado como objeto a (a -estudante). O estudante, causado pelo desejo de saber, produz constantemente, trabalha para fazer brotar a certeza de um saber sobre o real. O que ocorre, entretanto, é a produção de um $\$$ (sujeito barrado), um sujeito incompleto, que nunca saberá tudo e que se alimenta do desejo de saber mais. O S_1 (significante mestre) aparece no lugar da verdade, tal significante ordena ao discurso: “*Vai, continua. Não pára. Continua a saber sempre mais.*” (LACAN, [1969-1970]/1992, p. 98, grifos do autor). Sobre a inscrição de S_1 como verdade no discurso universitário, pode-se compreender que:

Precisamente por este signo, pelo fato de o signo do mestre ocupar esse lugar, toda pergunta sobre a verdade é, falando propriamente, esmagada, silenciada, toda per-

gunta precisamente sobre o que este signo – o S_1 do mandamento *Continua a saber* – pode velar, sobre o que este signo, por ocupar esse lugar, contém de enigma, sobre o que é este signo que ocupa tal lugar. (LACAN, [1969-1970]/1992, p. 110).

Apreende-se que é fundamentalmente por S_1 ocupar o lugar da verdade que a verdade, em condição de semi-dizer, de enigma, poderá ser velada, colocando em seu lugar o mandamento: *Continua a saber*. Há, portanto, a constituição de um sujeito que acredita poder alcançar uma certeza referente a um saber sobre o real e sobre si, que não se constitui a partir do enigma e sim a partir de um verdadeiro saber para o sujeito que se acredita universal.

A pretensão de uma certeza sobre o real é explorada por Lacan ([1964]/1985) no texto “O sujeito da certeza”, que retorna ao *cogito* de René Descartes (1596-1650) para pensar a maneira pela qual o sujeito da certeza verifica o real através da existência de um Outro que possa garantir a verdade:

Para Descartes, no *cogito* inicial [...] o que visa o *eu penso* no que ele bascula para o *eu sou*, é um real – mas o verdadeiro fica de tal modo de fora que é preciso que Descartes em seguida se assegure, de quê? – senão de um Outro que não seja enganador e que, por cima de tudo, possa garantir, só por sua existência as bases da verdade, possa lhe garantir que há em sua própria razão objetiva os fundamentos necessários para que o real mesmo de que ele vem de se assegurar possa encontrar a dimensão da verdade. Posso apenas indicar a consequência prodigiosa que teve esta recolocação da verdade entre as mãos do Outro, aqui Deus perfeito, cujo negócio é a verdade, pois o que quer que ele tenha querido dizer, sempre será verdade – mesmo que ele dissesse que dois e dois são cinco, isto seria verdade. (LACAN, [1964]/1985, p. 39).

A partir desse Outro que seria capaz de assegurar a verdade, observa-se a relevância do significante mestre (S_1) nos discursos, como aquele que poderia atestar alguma dimensão da verdade, que estaria fora de um semi-dizer. Ressalta-se uma fala de Lacan que diz respeito à importante relação do S_1 no discurso da ciência na atualidade: “Não pensem que o mestre está sempre aí. O que permanece é o mandamento, o imperativo categórico: *Continua a saber*. Não há mais necessidade de que ali haja alguém. Estamos todos embarcados, como diz Pascal, no discurso da ciência”. (LACAN, [1969-1970]/1992, p. 111). Compreende-se, com isso, que não é necessária a existência de um representante do S_1 para que esse tenha seu efeito no discurso.

O que vemos na contemporaneidade, conseqüentemente, é o que Miller e Laurent (1997 *apud* SALOMON, 1998) sustentam quando dizem que o Outro não mais existe, é apenas semblante. Soler (1998), em seus estudos na compreensão do mal-estar contemporâneo, constata que apesar do suporte dado pelo discurso da ciência à ausência do Outro, tentando produzir um saber ligado à verdade, o que se observa é que: “Não se sabe aonde ir para en-

contrar um Outro que seja verdadeiramente o Outro.” (SOLER, 1998, p. 47). Em suma, essa crise acontece em razão da predominância de um sujeito que não é mais dominado pelos ideais que forjavam um verdadeiro Outro, e sim pelo gozo, na busca de uma satisfação ilimitada.

Pensando-se ainda sobre o discurso da ciência e sua tentativa de dar algum amparo à ausência do Outro na contemporaneidade, Lacan ([1967]/inédito) em o “Pequeno discurso aos psiquiatras de Sainte-Anne” enfatiza a radical diferença entre a psicanálise e a psiquiatria, sendo essa última reconhecida como importante representante da ciência moderna. Nesse texto, o autor instiga aos psiquiatras uma reflexão sobre as raízes de práticas científicas referentes ao tratamento da loucura. Sobre a segregação daquilo que a ciência não dá conta de compreender, como a loucura, o autor enfatiza que é a partir da crença em um sujeito universal, que os psiquiatras buscam compreender seus pacientes em uma constante busca da certeza e apagamento da subjetividade.

Quando Lacan ([1967]/2003a) fala sobre a segregação na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, parte de uma discussão referente à instituição analítica daquela época. O autor constata um paralelo entre o conceito de identificação e a instituição denominada I.P.A (Associação Psicanalítica Internacional). Postula que, a partir dessa ligação estariam sendo produzidos sujeitos psicanalistas universais que se identificariam à instituição. Compreende que há nessa formação identificatória com a instituição certa expressão da universalização do sujeito, fruto do saber científico que é, também, a base para os processos segregatórios.

Marca-se aqui uma diferença entre o sujeito da certeza, que se sustenta pelo discurso da ciência e o sujeito da psicanálise, que é o sujeito do inconsciente e do desejo, que faz brotar a dúvida, a incerteza, o enigma. Concernente ao sujeito da certeza, observa-se a constituição de um sujeito universal da ciência que se coloca como estrutura central para a discussão referente a segregação.

Destaca-se aqui, contudo, que o progresso da ciência é de suma importância para a sociedade contemporânea, inúmeros avanços científicos e tecnológicos foram alcançados. Do mesmo modo, vimos acontecer o advento de um sujeito universal que representaria a possibilidade dada pelo discurso da ciência do alcance de uma certeza, um meio para encontrar compreensão e respostas sobre todos os enigmas da humanidade, na tentativa de fazer valer um “para todos”. Como expressa Soler (1998, p. 43-44):

Deter-me-ei um momento sobre a universalização. De que se trata? Evidentemente trata-se de fazer funcionar um “para todos”, ou seja, como se desprende imediatamente, supressão das diferenças. E é claro que as diferenças que nos importam são, em última instância, as diferenças ao nível do desejo e do gozo. Também é um fato

que a universalização que denominamos de “científica” consiste em uma redução, em uma homogeneização dos modos de gozar da civilização.

Levando-se em conta, entretanto, que a subjetividade acontece no não-sentido, o apagamento do enigma significa um desbotar do singular e da diferença, ou seja, uma tentativa de velar a segregação estrutural. Como aponta Lacan (LACAN, [1967]/2003b) é na tentativa de criação de um sujeito universal, na intenção de fazer valer um “para todos”, que o mundo caminha rumo aos efeitos de segregação. É justamente porque “Não há mais segregação em lugar nenhum [...]” (LACAN, [1969-1970]/1992, p. 120), pensando aqui sobre a segregação estrutural, que há a construção de um caminho cada vez mais pautado nos efeitos de segregação, que refletem diretamente a relação entre os discursos científico e capitalista, como introduz Soler (1998, p. 45):

E por que na civilização científica a única via para tratar as diferenças parece ser a segregação? Podemos entendê-lo, pois a universalização é uma universalização que não passa pelo significante mestre; é uma universalização que passa pelo que denominamos, um pouco apressadamente, de o mercado. Ou seja, que passa por um dever que não o da proliferação dos valores dos ideais, mas um dever real do manejo dos meios econômicos e, em nossos dias, nos deparamos finalmente com zonas cada vez mais extensas nas quais a gente, como se diz, vive como os demais (mesmas casas, mesmos vestidos, mesmos objetos, mesmos carros etc.).

Pode-se compreender, portanto, que a universalização do sujeito pelo discurso da ciência moderna não é mais a universalização de um S_1 , de um ideal, pois como vimos, o Outro não mais existe. Como corrobora Ferrari (2007, p. 278): “Sociedade segregativa, diríamos, porque, diante da inconsistência do Outro e imersos em falta de esperança, já que não podemos mais nos sustentar no Outro, somos enviados ao terrível real da segregação.”.

O que é universalizado é um tipo de sujeito universal de mercado global, onde todos visam gozar de uma mesma maneira e se orientar por um mais-de-gozar, um excesso que escapa ao princípio do prazer. Logo, o outro que goza diferente, que apresenta diferenças resistentes à universalização, só poderia estar gozando para mais e, por isso, representaria uma ameaça, sendo a solução escolhida para esse impasse os efeitos de segregação.

4 OS EFEITOS DE SEGREGAÇÃO E O DISCURSO CAPITALISTA

Um dos maiores efeitos de segregação que a humanidade presenciou ocorreu no que se denominou campos de concentração. É a partir dessa experiência de horror que Lacan constrói uma noção bastante ampla sobre os efeitos de segregação, compreendendo-a como uma

raiz oculta da sociedade contemporânea. O autor fala sobre “o problema contemporâneo da função do campo de concentração” (LACAN, [1962-1963]/2005, p. 163). Posto que, anos mais tarde, volta a fazer pontuações sobre essa tese:

Os senhores nazistas, vocês poderiam ter por eles um reconhecimento considerável, foram precursores e tiveram, aliás, logo em seguida, um pouco mais ao leste, imitadores, em matéria de concentrar as pessoas – é o resgate que se paga por essa universalização, na medida em que ela não resulta senão do progresso do sujeito da ciência. (LACAN, [1967]/inédito, p. 18).

Lacan ([1967]/inédito) argumenta que ocorreram mudanças no laço social por intermédio da segregação para além da experiência nazista, que visaram à consolidação de uma pureza do sujeito, um sujeito a que nada falta, um sujeito universal. A partir disso, o autor alerta que existe algo que persiste na sociedade contemporânea e que tem suas bases na experiência real dos campos de concentração:

[...] os progressos da civilização universal vão se traduzir não apenas por um certo mal-estar como o sr. Freud já tinha percebido, mas por uma prática, que, vocês verão, vai se tornar cada vez mais extensa, que não mostrará sua verdadeira face de imediato, mas que tem um nome que, quer o transformem ou não, quererá sempre dizer a mesma coisa, e vai acontecer: a segregação. (LACAN, [1967]/inédito, p. 18).

Soler corrobora com a argumentação lacaniana e afirma: “É uma tese simples, forte: segregação, efeito de, consequência da universalização.” (SOLER, 1998, p. 43). Pode-se compreender, então, que a recusa das singularidades, da diferença e do enigma se relaciona diretamente a experiência nazista. Lacan ([1970]/2003, p. 392) é categórico ao escrever, em uma nota de rodapé de “Prefácio a uma tese”, que: “A recusa da segregação está naturalmente no princípio do campo de concentração.”

Considera-se, contudo, que essa recusa da diferença é a recusa do próprio objeto *a*. Lacan ([1962-1963]/2005), em “O Seminário 10: a angústia” elabora que o real aparece como uma dimensão ausente de mediação e, por isso, comporta um objeto irreduzível às dimensões do imaginário e simbólico, um objeto indeterminado: o objeto *a*. Esse objeto seria, portanto, aquilo que resta do atravessamento do significante, é um resíduo da divisão do sujeito. Posto isso, assimila-se que a presença do objeto *a* corresponde a essa cisão que faz do objeto sempre faltoso, podendo apenas ser representado parcialmente. Como aponta o autor, há no sujeito “[...] um desconhecimento do que é o *a* na economia de [seu] desejo [...]” (LACAN, [1962-1963]/2005, p. 353), uma vez que é irreduzível e indeterminado.

O sujeito universal esconde, em sua proposição, justamente sua divisão, tenta velar o que falta, ou seja, o próprio objeto *a*. Para que então haja essa universalização do sujeito, a obstrução da relação entre sujeito barrado e objeto *a* torna-se fundamental, relação que pode ser expressa pelo matema da fantasia: $\$ \diamond a$. Como aponta Lacan: “Esse sujeito – puro – é claro, não existe em lugar nenhum, senão como sujeito do saber científico. É um sujeito do qual uma parte é velada, aquela justamente que se expressa na estrutura da fantasia, isto é, que comporta uma outra metade do sujeito e sua relação com o objeto *a*.” (LACAN, [1967]/inédito, p. 17).

Assim sendo, consagra-se toda uma civilização a caminho da segregação, dado que objetiva velar aquilo que denuncia a falta e a singularidade dos sujeitos, ou seja, aquilo que é particular. “O particular refere-se ao que resta denegado, recalcado, à função estruturante da falta do Outro; é a castração, o mal-entendido que porta cada um dos falantes que somos, desde o nascimento”. (PEREIRA; FERRARI, 2016, p. 208-209).

Desse modo, pode-se compreender os campos de concentração não apenas como um fato histórico, mas como a expressão máxima da redução do sujeito à condição de coisa, desprovido de singularidade. Uma verdadeira banalização da vida, como aponta Arendt ([1951]/2012, p. 582):

Os campos destinam-se não apenas a exterminar pessoas e degradar seres humanos, mas também servem à chocante experiência da eliminação, em condições cientificamente controladas, da própria espontaneidade como expressão da conduta humana, e da transformação da personalidade humana numa simples coisa [...].

A concentração de sujeitos corresponderia à destituição subjetiva, à transformação do sujeito em objeto. “Portanto, temos aí o campo de concentração, os agrupamentos sociais como nova organização do real”, aponta Brousse (2003, p. 44). Logo em seguida, a autora sustenta que na verdade são campos de concentração, no plural, posto que são diversos, da periferia negra à primeira classe branca nos aviões.

Na tentativa de ocultar a divisão do sujeito, a ciência produz objetos substitutos que visam fabricar um sujeito sem faltas. Encontra-se nesses objetos de gozo, que podem ser até mesmo outros seres humanos, a pretensão de tamponar a falta, uma possibilidade de forjar um sujeito universal. Tais objetos, inseridos em um Mercado Comum, são fagocitados pelo capitalismo na contemporaneidade. Enfim, na tentativa de homogeneizar os modos de gozo por intermédio do capitalismo, produzem-se os efeitos mais devastadores da segregação. Argumenta-se que:

Não há coletivo ou laço social sem exclusão, sem segregação, pois não existe um gozo social unificado, há várias modalidades de gozo que são escolhidas por cada cultura. O que faz nossa cultura ser marcada pela segregação é o fato de o discurso do capitalista e o discurso da ciência tenderem a universalizar, através do engodo, que todos têm o mesmo acesso ao gozo, consequência do discurso científico sobre o campo social. (PEREIRA; FERRARI, 2016, p. 208).

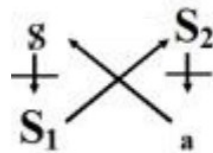
4.1 O discurso capitalista e as figuras da segregação

O primeiro ponto que se deve compreender a respeito do discurso do capitalista é que este foraclui o laço social, uma vez que a relação é estabelecida entre sujeito e objeto. Esse é o ponto principal de diferenciação dos outros discursos que, pelo contrário, são formadores de laço social que se edificam a partir de uma perda de gozo intrínseca à vida em sociedade. Sobre essas diferenças com os outros discursos, Lacan ([1972]/2000-2001, p. 49) aponta: “O que distingue o discurso do capitalista é a *Verwerfung*, a rejeição; a rejeição fora de todos os campos do simbólico com aquilo que eu já disse que tem como consequência rejeição de quê? Da castração”.

Foi possível apreender que é no discurso da ciência que há a presença do imperativo “*Continue a saber*”. Observa-se que tal saber é apropriado pelo discurso do capitalista como forma de domínio e, desse modo, há uma transformação para o imperativo “continue a gozar”. Pode-se compreender que há aí uma forma sintomática de lidar com o saber, uma vez que, “autoriza o saber a apagar o sujeito e a construir os indivíduos (sujeito mais corpo de gozo) que, como tais, nada têm para fazer laço social.” (FERRARI, 2007, p. 276).

É em 1972 que Lacan formaliza o discurso do capitalista em uma conferência em Milão, intitulada: “Do Discurso Psicanalítico”:

Figura 2 – Discurso do Capitalista



Fonte: (LACAN, 1972, p. 24).

Verifica-se que o agente (\$) não estabelece relação com o outro (S₂) e isso deixa clara a impossibilidade de se fazer laço social a partir desse discurso. Pode-se assimilar, como representado acima, que o circuito do discurso se comporta de maneira a constituir-se como um circuito fechado em si mesmo. O saber científico (S₂) produz objetos de consumo que visam tamponar a falta do sujeito, são os objetos *a* mais-de-gozar, chamados na atualidade de *gad-*

gets. O sujeito equivale, portanto, ao consumidor e é exatamente com o objeto de consumo que esse sujeito irá se relacionar: $a \rightarrow \$$. Há, no lugar da verdade, por fim, um representante do poder, algo que torna possível ao sujeito sua relação com os objetos de satisfação produzidos pela ciência, algo denominado de o capital (S_1).

Constata-se, posto isso, que a tentativa de velar a divisão do sujeito encontra limitações no campo da ciência, uma vez que, a tentativa de universalização do sujeito encontra uma insistente impotência de acesso do sujeito barrado ao objeto a . É na articulação com o discurso do capitalista que a possibilidade de um ilimitado é construída, posto que o saber da ciência passa a ser elaborado como objeto de consumo, mais-de-gozar. O capitalismo propõe, então, uma solução forjada para esse embaraço na relação do sujeito e do objeto a . Promove-se uma via de acesso direta do sujeito pelo objeto, em que o próprio objeto produziria um sujeito barrado, tendo como causa de desejo uma eterna falta-de-gozar, sustentada pela possibilidade enganosa de um reencontro com o objeto de gozo perdido. Esse encontro entre sujeito e objeto é apontado pela ligação presente no discurso do capitalista: $a \rightarrow \$$.

Todos esses processos só se tornam possíveis por meio de uma destituição subjetiva, uma acoplagem entre sujeito e objeto, forjando assim uma complementaridade entre ambos. A divisão do sujeito, que continua presente como algo a ser velado, ocupa o lugar de resto, algo que precisa ser tamponado. É aquilo que denuncia a castração, o objeto a como resto: o personagem principal dos efeitos de segregação.

É importante assimilar que a forma de gozo de cada um é compreendida como parte de seu sintoma, aquilo que é intrinsecamente singular. Em uma realidade onde todos tentam gozar de um mesmo modo verifica-se o surgimento de um sintoma social. Como declaram Peireira e Ferrari (2016, p. 209):

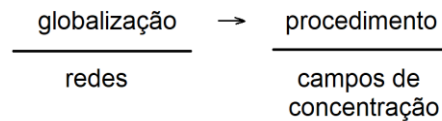
Quanto mais se recalca e se tenta homogeneizar, mais aparecerá a rejeição, mais pesados e violentos serão os atos. O sintoma é o modo particular pelo qual o sujeito goza de seu inconsciente, mas, quando esse gozo não passa pelo Outro do inconsciente, quando esse laço se rompe, temos o sintoma social. Há sintoma social na anulação do laço com o Outro do inconsciente.

O imperativo capitalista de gozo faz com que cada um trate de gozar de forma ilimitada, ao passo que, todos gozem igual e gozem para existir. Gozam com os mesmos carros, roupas, celulares, comidas, músicas entre outros. “Trata-se de um todos como os demais e talvez... cada um esperando ter um pouco mais que o vizinho. E por isso crê que o vizinho tem o pequeno ‘mais’, porque ele próprio quer tê-lo.” (SOLER, 1998, p. 51). A partir disso, pode-se assimilar que é por intermédio da consolidação de um Mercado Comum, dessa relação do

sujeito com o objeto *a* mais-de-gozar que se observa uma trajetória global: “Nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação.” (LACAN, [1967]/2003a, p. 263).

Brousse (2003) propõe uma organização riquíssima que rascunha uma possível relação entre Mercado Comum, gozo e segregação, projetada na seguinte imagem:

Figura 3 – Globalização e campos de concentração



Fonte: (BROUSSE, 2003, p. 45)

Para tal análise, a autora utiliza da organização do discurso do mestre, oferecendo-lhe novos significados. Primeiramente, na posição do agente, do mestre, há uma substituição do termo Mercado Comum para o significante “globalização”, uma vez que o que se observa é uma globalização dos mercados, ou seja, uma expressão do mercado global, sustentado por uma forjada universalização, que sufoca os diferentes modos de gozo.

Prosseguindo, a posição do outro, nessa formulação, seria ocupada por um modo de saber que a autora intitula de “procedimento”, uma forma de regulamentação e ordenação do gozo que impele os sujeitos a fazerem “[...] de tudo para serem os mesmos” (BROUSSE, 2003, p. 45), ou seja, um apagamento daquilo que é singular e único de cada sujeito. Referente a essa ordenação do gozo, pode-se compreender que há uma “[...] imposição de um modo de gozo, o capitalista [...]” (PEREIRA; FERRARI, 2016, p. 208).

Na posição da produção, ocupada pelo objeto *a* no discurso do mestre, a autora coloca aquilo que é produzido a partir dessa ordenação capitalista do modo de gozo, são os denominados campos de concentração. O modo de gozo da atualidade, sendo assim, estaria intrinsecamente relacionado à segregação, como explicita Brousse (2003, p. 45): “A segregação é a nova solução dada ao gozo.” Posto isso, é possível assimilar que a contemporaneidade se estrutura a partir da lógica dos campos de concentração de gozo, que procuram aglutinar modos semelhantes de gozo que, por consequência, são segregados ou se auto-segregam. Dessa forma, quando há o encontro entre diferentes campos de concentração de gozo, “é um mundo que invade o outro, é um encontro violento.” (BROUSSE, 2003, p. 46). Por fim, na posição da verdade a autora coloca as redes, como um espaço flexível, modulável e flutuante dessa ordenação.

Relativo a esse encontro violento entre diferentes campos de gozo pode-se introduzir o termo “figuras da segregação”, nome dado às modalidades de gozo que, por diversos motivos, oferecem algum embaraço para a lógica universalizante que fora imposta:

Então, quando se manifestam diferenças resistentes, diferenças que não são passíveis de redução, ou seja, sujeitos que não entram na distribuição dos bens da civilização atual, qual o meio para tratar tais diferenças? É um meio que quase podemos denominar de espacial: cada um em seu devido lugar, ou seja, uma solução que poderíamos caracterizar como sendo pela via da repartição territorial. (SOLER, 1998, p. 45).

Logo, os diferentes modos de gozo são considerados como uma ameaça à liberdade, uma vez que representam para o sujeito, que se pretende fazer universal, sua própria perda de mais-de-gozar, imperativo do discurso do capitalista. A estratégia, por fim, “[...] é fazer com que o sujeito suponha que se ele não goza é porque o outro o faz em seu lugar, colocando-se na posição de vítima ressentida.” (ROSA; PENHA; FERREIRA, 2018, p. 109). Dessa forma, quem apresenta um gozo diferente denuncia a falha na universalização, representa uma falta e evidencia o medo da castração.

Os movimentos sociais, como o LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais e mais), feministas, negros, indígenas, antimanicomiais, entre outros, podem ser base para se pensar em uma importante distinção posta por Soler (1998), a saber, algumas diferenças nas formas de segregação, tendo como principais a segregação eleita/voluntária e a segregação imposta. É importante ressaltar que “[...] a segregação se apresenta como uma via de tratar o insuportável, o impossível de suportar.” (SOLER, 1998, p. 46). Todos os sujeitos procuram uma forma de lidar com esse insuportável.

A segregação eleita, segundo Soler (1998), seria composta por grupos que compartilham determinada forma de gozo e que se reúnem de tal modo a encontrarem certo tratamento ao insuportável, como os country-clubs, por exemplo. Já a segregação imposta seria aquela muitas vezes destinadas aos loucos, toxicômanos, aos negros, aos LGBTQIA+, indígenas, mulheres e tantos outros que se constituem como figuras da segregação e, por isso, se concentram em campos de gozo como forma de proteção da violência dos efeitos de segregação. No que se refere às pautas identitárias, na atualidade, pode-se pensar em um duplo acesso à segregação, pela via da segregação eleita e imposta, tanto para tratar o insuportável constitutivo dos sujeitos, quanto para tratar o insuportável que a barbárie social destina a tais grupos, como o feminicídio, o assassinato do povo preto, LGBTQIA+ e outros.

A realidade de tal barbárie social é destacada por Lacan ([1972]/2000-2001, p. 23) de maneira contundente: “Vamos estar submergindo, não vai demorar muito, [...] por todos os

problemas de segregação que serão intitulados ou fustigados com o termo racismo [...]” O que queria Lacan dizer com isso? Voltando os olhares para a realidade atual, questiona-se: Lacan estava certo?

4.2 O discurso do analista também produz segregação?

Sustentado em sua posição ética, o discurso do analista resiste à universalização provocada pelo discurso da ciência. A experiência analítica circula pelo que é particular, pelos modos singulares de gozo e desejo do sujeito. “O discurso analítico pretende escapar à segregação pela via do um por um, o que é astuto. Ou seja, é um discurso que aparentemente não segrega ninguém, salvo o fato de que todos não entram, que todos não podem entrar.” (SOLER, 1998, p. 49). Pode-se concluir, dessa maneira, que o discurso psicanalítico, assim como todos os outros discursos, sustenta uma segregação estrutural, ao passo que a experiência analítica acontece de maneira singular. É o encontro do sujeito com sua maneira particular de gozo e desejo.

Brousse (2003, p. 48) corrobora: “[...] podemos dizer que temos algo contra o comum, já que nossa prática clínica se sustenta no singular e não no comum. Interessa-se pelo particular e não pelo universal. Optamos pelas soluções singulares e não pelas processuais.” Compreende-se, por fim, que esse mesmo discurso possui um posicionamento essencialmente contrário à segregação, em seu aspecto de efeito de segregação, uma vez que a direção de uma análise não se dá para o universal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou oferecer um paralelo entre a abordagem freudiana sobre o tema da segregação e os avanços lacanianos que visaram oferecer uma teoria que correspondesse às mudanças vivenciadas na contemporaneidade. Se com Freud pode-se compreender que a formação das massas ocorria por um processo identificatório a um ideal, com Lacan foi possível entender que há na sociedade atual uma nova constituição orientada pelo gozo, que tem como consequência um crescimento dos efeitos de segregação.

Para a compreensão da abordagem freudiana sobre a intolerância foram utilizados textos que fizeram ser possível constatar que as bases que sustentavam tal fenômeno tinham como ponto crucial a identificação dos membros da massa. Isso se dava a partir de um processo de substituição do ideal de Eu dos indivíduos pelo ideal de Eu de um líder, que assumiria o

lugar de Eu dos indivíduos da massa. Além disso, a tese freudiana da pulsão de agressividade é um ponto fundamental de sua obra, que se faz notar também na atualidade.

O que se observou nas obras lacanianas, entretanto, são fragmentos de uma argumentação que vem, por meio de seus leitores e da análise profunda de suas obras, tomando formas cada vez mais consistentes. Foi possível reunir diferentes conceitos psicanalíticos que se relacionam à temática proposta e que fizeram ser possível uma maior compreensão da abrangência da noção de segregação em psicanálise.

Referente à segregação estrutural, foi possível discorrer a respeito tendo como base a afirmativa laciana de que todo discurso produz segregação, uma vez que, todos se constituem às voltas de um significante-mestre (S_1) e correspondem a diferentes modos de gozo. A segregação estrutural é a expressão da singularidade do sujeito, referente aos modos de gozo e desejo, que são sempre particulares.

A transformação contemporânea do laço social que, para Lacan, faz intensificar os efeitos de segregação, perpassam pela universalização de um sujeito da ciência moderna que, por meio da análise do discurso da ciência, pode-se constatar que procura impossibilitar o encontro do sujeito dividido com o objeto *a*. Nesse discurso, o objeto *a* aparece como resto, aquele que denuncia uma falta constitutiva e afastar-se dele tem por objetivo forjar um sujeito completo, que poderia ir ao encontro de uma verdade. Observou-se que a formalização dos discursos, feita por Lacan ([1969-1970]/1992), se constitui como pedra angular para a construção argumentativa sobre o tema da noção de segregação.

Os desdobramentos da relação entre o discurso da ciência, o discurso do capitalismo e os efeitos de segregação, se mostraram fundamentais para a compreensão do crescimento da segregação na contemporaneidade. A investigação mostrou que o discurso do capitalista forja um encontro entre o sujeito dividido e o objeto *a*, posto aqui como objeto *a* mais-de-gozar, um objeto que viria tamponar a falta. Logo, observa-se uma sociedade que não mais tem como base as identificações e sim um imperativo ao gozo ilimitado. O imperativo do mais-de-gozar tem como resultado a constituição de um sujeito que percebe o gozo do outro, que é intrinsecamente diferente, como um gozo a menos para si e, por isso, segrega o diferente. Lacan e seus leitores utilizam o termo campos de concentração para elucidar a repartição social em grupos que se identificam pela semelhança de seus modos de gozo. Concluiu-se que é possível observar na sociedade as chamadas figuras de segregação, compreendidas como aqueles que apresentam alguma diferença de gozo resistente à universalização.

Tendo em vista os aspectos abordados, os resultados apontam que o discurso analítico oferece uma experiência diferente, que se distingue das outras, uma vez que, a partir do inte-

resse naquilo que é singular, que é particular e não pelo universal, esse discurso escapa aos efeitos de segregação e pode oferecer a construção de soluções singulares para aquilo que é insuportável.

É importante frisar que o tema desta pesquisa não se encerra nas páginas escritas e textos estudados. A noção de segregação oferece uma infinita possibilidade de elaboração e aplicação de sua noção nos mais diversos fenômenos e questões contemporâneas. Durante a pesquisa inúmeros questionamentos foram postos aos autores, como por exemplo: Quais os impactos da segregação, em seus moldes contemporâneos, na clínica psicanalítica e no sujeito que chega ao consultório? Quais correlações seriam possíveis de serem feitas entre o conceito de violência e a segregação? Seria possível relacionar a noção de segregação à tábua da sexualização, procurando localizar ali a extensão de seus efeitos? Quais os impactos subjetivos e sociais de uma segregação territorial e social tão intensa como o vivenciado na pandemia mundial do COVID-19?

Compreende-se, por fim, que este é um tema relativamente novo, que desperta inúmeras questões e exige contínuos estudos que possam dar conta de toda sua abrangência e especificidade atual. Deseja-se que este trabalho possa colaborar com os estudos sobre o tema, que vem se consagrando como questão extremamente importante para a sociedade atual.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. O totalitarismo no poder (1951). *In*: ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ASKOFARÉ, Sidi. Aspectos da segregação. **A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia**, v.1, n. 2, 2009, p. 345-354. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/apeste/article/view/6287>. Acesso em: 08 jul. 2020.

BROUSSE, Marie-Hélène. A psicanálise no tempo dos “mercados comuns e dos processos de segregação”. *In*: BROUSSE, Marie-Hélène. O inconsciente é a política. São Paulo: **Escola Brasileira de Psicanálise**, 2003. p. 37-48.

DOR, Joël. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

FERRARI, Ilka Franco. Realidade social: a violência, a segregação e a falta de vergonha. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, n. 2, 2007, p. 269-284. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200003. Acesso em: 20 set. 2020.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu (1912-1913). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 11. p. 13-244.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). *In*: FREUD, Sigmund.

Obras completas: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 15. p. 13-113.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras incompletas de Sigmund Freud.** Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 305-405.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Pesquisa do tipo teórico. *In*: GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise: Psicanálise e Universidade.** São Paulo: Anais [...] PUC-SP, 1994, p. 9-32.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 807-842.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10:** a angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967). *In*: LACAN, Jacques. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003a. p. 248-264.

LACAN, Jacques. Alocução sobre as psicoses da criança (1967). *In*: LACAN, Jacques. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003b. p. 359-368.

LACAN, Jacques. Pequeno discurso aos psiquiatras. **Discurso pronunciado no Hospital Saint Anne** (1967/inédito). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/270116905/Discurso-Aos-Psiquiatras>. Acesso em: 10 jul. 2020.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17:** o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. Prefácio a uma tese (1970). *In*: LACAN, Jacques. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 389-399.

LACAN, Jacques. Lição III, de 6 de janeiro de 1972 (1972). *In*: LACAN, Jacques. **O saber do psicanalista.** Centro de estudos freudianos do Recife: Recife, 2000-2001. p. 42-55.

LACAN, Jacques. Do discurso psicanalítico (1972). *In*: **Lacan in Itália.** 1978. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Disponível em: <http://lacanempdf.blogspot.com/2017/07/do-discurso-psicanalitico-conferencia.html>. Acesso em: 15 out. 2020.

PEREIRA, Carlos Eduardo; FERRARI, Ilka Franco. A Identificação e os Processos de Segregação na Contemporaneidade. **Cadernos CESPUC,** Belo Horizonte, n. 28, 2016, p. 205-210. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/P2358-3231.2016n28p205>. Acesso em: 10 out. 2020.

ROSA, Miriam Debieux; PENHA, Diogo Amaral; FERREIRA, Patrícia do Prado. Intolerância: Fronteiras e Psicanálise. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 18, p. 105-113, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/6739/pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

SALOMON, Gleuza. Os novos objetos de gozo. *In*: BENTES, L. e GOMES, F. [Orgs.]. **O brilho da inFelicidade**. Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1998. p. 37-41.

SOLER, Colette. Sobre a segregação. *In*: BENTES, L.; GOMES, F. [Orgs.]. **O brilho da inFelicidade**. Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1998. p. 43-53.